

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***NICOLINA LAIA DA SILVA E JOÃO FELIPE DA
SILVA***
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistados - Nicolina Laia da Silva (NL) e João Felipe da Silva (JS)

Entrevistadores - Tania Fernandes (TF), Gleide Guimarães (GG), Consuelo Guimarães (CG), Michele Soares (MS) e Fábio Souza (FS)

Data – 26/04/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h19min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, João Felipe da; SILVA, Nicolina Laia da. *Nicolina Laia da Silva e João Felipe da Silva. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 43p.

Data: 26/04/2004

Fita 1 – Lado A

TF - ... com a dona Nicolina Laia para o projeto História das Comunidades de Manguinhos, no dia 26 de abril de 2004, entrevistada por Tânia Fernandes, Fábio, Gleide, Consuelo e Michele. (*pausa*) Bem, dona Nicolina, então, vamos começar? Eu queria que a senhora falasse um pouco da sua vida e da moradia aqui no...

NL – Minha vida. Eu vim prá aqui, quando eu mudei prá aqui eu tinha 23 ‘ano’, só tinha uma filha, minha filha mais velha, tá com 47 anos. Criei 7 ‘filho’ aqui, graças a Deus, criei com meu marido, ele me ajudando. Nós ‘lutamo’ muito, nós não tinha nada na vida, nem uma cama para nós dormir nós tinha, não tinha, mas nós ‘lutamo’ aí, nesse bar aí em baixo, trabalhamos muito, ‘criamos’ nossos filhos. Eu levava na escola, eu cuidava de casa, no balcão, sempre ajudando ele. Ele trabalhava e eu criei os meus ‘filho’ no balcão. Aí, levava para a escola, trazia... Minha vida foi uma vida que só Jesus sabe, muita luta, muita luta mesmo, mas, graças a Deus, criei 7 filhos aqui, nesse lugar. Não tenho o que falar daqui. Tem 47 ‘ano’ eu moro aqui nessa casa, 47 anos. Graças a Deus ‘tão’ todos ‘criado’, todos... todos eles trabalham, nunca viraram a cabeça por nada, graças a Deus. Tenho 2 ‘homem’ e 5 ‘mulher’.

TF – Quando a senhora veio para cá, então, a 47 anos atrás, como era... como a senhora pode nos descrever esse espaço?

NL – O que eu falo é que aqui não tinha casa nenhuma, nenhuma, só era mato. Nós ‘somos’ os ‘morador’... o que resta é eu e o meu marido. Tem 47 ‘ano’ que a gente mora aqui. Só o que vivia...

TF – Mas por que vocês vieram para cá?

NL – Por quê? Porque nós... a gente casou, aí nós ‘mudamos’ logo para aqui, ‘compramos’ um barracinho aqui...

TF – Mas ‘tava começando a ser...

NL – ‘Tava’ começando a ser...

TF - ... ocupado, é isso?

NL - ... ocupado, ‘tava’ começando.

TF – Mas como é que era essa ocupação?

NL – Como é que era que era tudo mato daqui até lá, no final, não era... não tinha casa nenhuma. Conforme foi passando o tempo, aí é que fizeram os barraquinho, fizeram os...

TF – Mas era um terreno abandonado, era...

NL – Era, era um terreno abandonado.

TF - ... um terreno livre? Vocês chegaram e construíram um barraquinho...

NL – É, é.

TF - ... e ninguém veio cobrar de vocês ou vieram?

NL – Ninguém, até hoje ainda não vieram (*risos*).

TF – Vocês têm a escritura definitiva (Inaudível)?

NL – Não, não tem não.

TF – Não têm não.

NL – Não tem não.

TF – Já foi solicitada à prefeitura, é isso, alguma vez ou...?

NL – Não.

TF – Não.

NL – Não.

TF – Nem a prefeitura veio perguntar para vocês?

NL – Não.

TF – E como é que foi sendo essa ocupação? Foi gradativa? Foi rápida? Como é que você sentiu...?

NL – Não, foi devagar, né, cada um veio, marcava o seu espaço e fazia seu barraquinho.

TF – E essas pessoas vieram de onde?

NL – Não sei.

TF – (Inaudível).

NL – Nós viemos lá do outro lado, lá da Avenida dos Democráticos, nós viemos de lá.

TF – Mas, você, lá, morava como? Morava já com ele?

NL – Já, graças a Deus! (*risos*)

TF – Mas aí, como é que foi essa descoberta desse espaço para vocês, então...?

NL – Não, a gente comprou... Esse... essa... esse barraco aqui, essa casa aqui, era lá atrás, aí a gente foi... (*risos*) foi puxando ela para frente, aí ele construiu aqui.

TF – Mas “a gente comprou”, que você falou, como assim?

NL – Compramos, compramos.

TF – Então, já tinha uma pessoa que já tinha ocupado o terreno?

NL – Já, já, já. Mas era poucas casas mesmo, era mais mato do que casa.

TF – Mas quem é que vendia essas casas?

NL – Quem? É os moradores que ‘tava’ morando aqui.

TF – Não, mas quando você veio a primeira vez, antes de você vir para frente, aqui, você veio, você ocupou, ou veio e pagou para alguém para ocupar o espaço?

NL – ‘Pagamo’, ‘pagamo’ 17 reais, é... não, não era reais, é. Eu não sei nem como a gente falava, não sei se era 17 mil réis...

TF – E aí você veio ocupando esse espaço (Inaudível)?

NL – É, é. Não, a gente veio puxando a casa para frente, aí a gente foi construindo.

TF – Então, o seu... a ocupação, o resto da ocupação era para o lado, não tinha...?

NL – É, é, era sim, para lá, para lá, para lá.

TF – E esse comércio que tem aqui em volta, o que é que tinha por aqui naquela ocasião?

NL – Moradores, depois foi... foi mudando pessoas prá aqui.

TF – Você tinha, então, um barraco ali atrás...

NL – É.

TF - ... e aí você construiu isso aqui com o bar, logo? Logo no início você fez o barzinho?

NL – Foi, esse bar, quem abriu esse bar foi eu, não foi o meu marido. Começamos a vender querosene. A gente não tinha dinheiro, eu comprava meia caixa de guaraná, porque antigamente vendia meia caixa de guaraná. Comprava gelo lá em Higienópolis para gelar numa geladeira velha que a gente tinha, colocava o gelo ali, gelava aquilo ali, a gente vendia. Aí eu fui lutando, lutando, ele trabalhando, e eu, com os meus... com meus filhos mais velhos. Aí eu... fui lutando até construir. Graças a Deus a gente construiu essa casa aqui.

TF – A senhora construiu essa casa quando?

NL – Quando?

TF – É, a casa. Vocês vieram do barraco de trás para essa casa quando, quando?

NL – Para essa aqui em cima?

TF – Não sei, se a construção (Inaudível)...

NL – Sim, primeiro foi embaixo, né, ele construiu embaixo, ele construiu lá detrás até aqui, na frente, embaixo. Depois a gente... construiu aqui em cima.

TF – Isso foi quando, mais ou menos?

NL – Isso foi em... 72, foi 72, porque eu tenho uma menina que quando ela nasceu a gente já estava aqui, a Andréa. Sabe quem é a Andréa? Foi em 72.

TF – Sim, e aí, a ocupação para o lado de lá, até construírem o CIEP, como é que foi?

NL – Ah, ali era muito mato! Ali era tudo cheio de mato, minha filha, tudo! Descer de sair lá, daqui até onde é o campo, era um matagal danado! Dava medo da gente morar aqui. Tinha umas ‘torre’ ali, dessa... Como é? ... ou de televisão, ou de rádio, sei que ali tinha umas ‘torre’ velha. Era muito mato aqui, mato mesmo, com uns ‘capinzal’ grande à beça!

TF – E a senhora, quando veio do outro lado, o outro lado também já era grande, tinha muita... muita gente morando? Como era?

NL – Não, tinha uns barraquinho, pouco barraco, né?

TF – E como é que foi esse crescimento aqui no entorno...

NL – Ah, minha filha...

TF - ... esse monte de comunidades? Como é que vocês foram acompanhando esse... essa vinda de pessoas para cá?

NL – Eu sei. A gente viu construir essas ‘casa’ do outro lado, viu construir a Mandela, tudinho a gente viu, que nós mora aqui muitos anos, né?

TF – E tinha uma associação... tinha uma associação de moradores ou alguma coisa desse... nesse...?

NL – Não, não, não tinha não.

TF – Não. A Gleide quer falar alguma coisa.

GG – ô... Nicolina, olha só, você contou para mim, uma certa vez, que daqui da janela da sua casa você viu surgir o CIEP, é... você viu surgir... não sei se você que veio com o espaço do CIEP, a associação de moradores. Quando você chegou para cá o que é que já existia disso? Por exemplo, já existia o campo já marcado?

NL – Não...

TF – O campo...

NL - ... não existia campo nem existia CIEP, nada, só era matagal.

GG – A capela que tem aqui ao lado...

NL – A capela era... era uma... era uma casinha pequena, depois que construíram essa maior.

TF – Quem construiu a capela?

NL – Ah, minha filha...

TF – Era da Igreja Católica ou Protestante?

NL – Era da Igreja Católica, era da Igreja Católica, mas eu não... Esses ‘ano’ todo passado, aí eu esqueci o nome, né? Eu sei que a que vivia limpando a igreja, cuidando da igreja, o nome dela era Maria, a gente chamava até Maria... “dona Maria da igreja”, é.

GG – Sim, sim. E lá, do outro lado, você veio da Avenida dos Democráticos. O que é que você lembra que existia lá? Por exemplo, você viu construção de casas. Que casas? Aquelas que tem lá agora?

NL – É, aquelas que tem lá. Era barraco bem fraquinho, né? Depois que as ‘pessoa’ foi melhorando de situação foi que melhorou a casa.

GG – E aquelas casas do governo, que o governo construiu, você viu quando elas foram construídas?

NL – Não.

GG – Não?

NL – Não.

GG – Quando você saiu de lá... Quando você chegou já estavam prontas?

NL – Eu já saí de lá não estava pronta.

GG – Quer dizer, você já estava aqui...

NL – É, já estava aqui.

GG - ... quando construíram lá?

NL – É, estava.

GG – Você lembra dos prédios que tem, que existiram lá, em Manguinhos?

NL – Não, eu lembro do... Como é? ... ex-combatente.

GG – E aqueles prédios de dentro da favela de Manguinhos?

NL – Não, não, eu já ‘tava morando aqui.

GG – Ah... ah, é, exatamente (Inaudível), que...

NL – Ai. (*pausa na gravação*)

TF – Chegou o sr. João Felipe da Silva, esposo de Nicolina, que vai também nos falar sobre a comunidade. Vamos lá, João. É...

JS – Olha, eu... eu... Tem que falar quando eu vim aqui prá o Rio ou quando eu vim aqui prá favela?

TF – Conte de quando você veio para o Rio.

JS – Não, porque quando eu vim prá o Rio, eu vim... é... eu vim prá o Rio em 1950. ‘Levemo’ 18 dias de lá, do Norte, prá aqui. Não tinha estrada, era caminho.

TF – De onde você veio?

JS – João Pessoa. Aí a gente veio para cá, cheguei aí, eu passei muita fome. Aí me soltaram lá em Laranjeiras, e eu sem saber, que eu era analfabeto, não tinha leitura nem nada, mas eu fui conseguindo. Aí fomo trabalhar, aí fui trabalhar ali em Bonsucesso, caminho Itaoca, não

sei se a senhora conhece o caminho Itaoca, ali que é... onde é a Coca Cola. Ali era caminho Itaoca, nem sei se já mudou o nome, mas ali eu trabalhei uns 2 anos aí, na estrada, que aquilo ali não era estrada, era um caminho, ali, caminho Itaoca, né, que sai ali da... lá para a fábrica de... de Coca Cola. Aí, dali nós ‘fizemo’ aquela estrada ali, e dali da... acabou, aí fomos para Jacarepaguá. Trabalhei lá mais um ano e pouco, ‘acabemo’ a obra de lá, ‘viemo’ trabalhar no Alto da Boa Vista, que era uma companhia que a gente... eles pegavam a gente para fazer o serviço e quando terminava levava a gente para outro canto, entendeu? Aí, de lá, estava em... no Alto da Boa Vista, aí, do Alto da Boa Vista ‘acabemo’ lá, fomos trabalhar aí, na Avenida Brasil. A Avenida Brasil só era uma pista só, aquilo ali era mão dupla, não é conforme hoje, que tem uma... né? Aí... Eu estou contando tudo que passou comigo (*risos*).

TF – Pode contar. Mas a dona Nicolina já era parceira sua?

JS – Não, não, isso eu era solteiro!

TF – O senhor era um menino.

JS – É, era garoto de 18 anos (*risos*). Aí, ‘trabalhemo’ aí, aí, depois, aí que eu... quando eu estava trabalhando aí é que eu conheci um rapaz que morou aqui. Isso foi em... isso foi em 54. Em 54 eu trabalhei na Refinaria, ali, de Manguinhos, que foi a 1ª refinaria que eles fizeram no Brasil, foi ali, no Manguinhos, eu cheguei a trabalhar ali, aí vim morar aqui. Foi em 54, entendeu? Aí, daqui aí eu fui lá visitar meu pai. Eu trabalhava, eu lutava muito, eu lutei muito, vou dizer para a senhora, eu lutei muito porque a minha família era pobre, meus ‘pai’ e meus irmão, era 12 irmão, e eu tive que sustentar esses pessoal tudo. Foi em cinqüenta e... foi em 54, eu mandava dinheiro, eu mandei 4 anos dinheiro lá para eles, senão eles até morria de fome. Aí, em 54 eu fui visitar ele, aí voltei. Aí fiquei definitivo aqui, morando aqui, eu ainda era solteiro, ainda. Aí...

TF – Mas aqui, nessa casa?

JS – Não, era lá na frente.

TF - Lá ou lá?

JS – É, não, mais lá para frente, ali, onde tem um barzinho ali, de frente o... ao “brizolão”, era ali naquele... ali, em frente daquele bar, no fundo do barzinho.

TF – Isso foi antes da Nicolina?

JS – Ih!

TF – Ih!

JS – A Nicolina eu já nem sa... (*risos*). Aí foi, fiquei aqui. Aí, depois, em 54, fui visitar meu pai, voltei, aí arranjei um serviço ali na Avenida dos Democráticos. Avenida dos

Democráticos, 315. Eu trabalhei 11 anos na fábrica. Aí, morando, trabalhando aí na fábrica, e morando aqui. Aí, depois que eu conheci ela na... na... lá no Acari, lá no meio do mato, lá (*risos*), parecia uma cabrita.

NL – Ô João... tá gravando... (Inaudível)

JS – Foi. Ela pesava... quando eu conheci ela, ela pesava parece que era 24 quilos (*risos*).

NL – (Inaudível) (*risos*).

TF – E aí? Aí, vocês...

JS – Aí, depois, aí, nós... aí... aí eu tinha o barraco aqui, aí deixei o meu irmão morando, fui morar na... ali na Avenida dos Democráticos, ali. Mas o barraco era meu e tudo, eu deixei para ele morar. Aí, depois, a gente casou... Foi quan... em sessenta e quanto, Lina, que a gente casou? Eu nem me lembro mais. Hein?

TF – Nicolina, esqueceu quando casou com você, Nicolina!

NL – Eu estava falando para ele que eu bonitinha, era toda elegante!

JS – Ei, quanto tempo faz que a gente casou? Em quanto, 62?

NL – O quê?

JS – Que a gente casou?

NL – 57.

JS – Ah, 57, já tinha esquecido. E aí, eu trabalhando ali. Aí, depois, a fábrica mudou para Benfica, Avenida Suburbana, 117. Mas eu vou dizer para a senhora, eu... para mim, o Rio de Janeiro é o lugar melhor do mundo. Aí botei barraca, ela tomou conta, ela tomava conta da barraca, e eu empregado. Ela tomou conta da barraca aqui em baixo.

TF – Barraca de que?

JS – Era uma tendinha aqui em baixo. Ela tomou conta uns 5 ‘ano’, ela tomando conta e eu trabalhando de empregado. Aí eu só ajudava ela sábado e domingo. Aí, depois, eu já ‘tava’ com 11 ‘ano’ na firma, aí fiz um acordo com o dono da firma... da fábrica, aí fiquei trabalhando com ela. No comércio, a gente trabalhou uns 30 ‘ano’ aqui, aqui embaixo, onde é esse... É o meu filho é que está trabalhando aí, né, que eu dei para ele. Aí eu trabalhei uns 30 ‘ano’ aí. Aí juntei os tempo de... que eu fui de empregado, e eu era... eu pagava o Instituto dos Comerciantes porque naquela época era... tinha os institutos... tinha o Instituto dos Comerciantes, era... que era o IAPTEC¹, tinha muito coisa, a gente pagava... já tinha o

¹ Refere-se ao Hospital Geral de Bonsucesso.

IAPI... Quando eu era empregado era IAPI, depois eu comecei a pagar o Instituto dos Comerciários e descontava pelo IAPI, né? E aí ‘trabalhamo’ uns 30 ‘ano’ aí, eu mais ela, a gente lutou muito, e... um tempo melhor, outro tempo pior, mas eu... para mim, o Rio de Janeiro... não tem outro lugar melhor do que esse.

TF – E como foi? Então, senhor... o senhor... vocês viveram inicialmente na Democráticos, que a Nicolina estava nos contando?

JS – Ah, mas a gente ficou lá... É, aí morou, ficou lá pouco tempo.

TF – Quanto tempo, mais ou menos, o senhor lembra?

JS – A gente não ficou nem um ano, né, Lina?

NL – É, nem um ano.

JS – Depois, aí, a gente... aí começaram a invadir lá a favela, e coisa e tal, ficou aquele tumulto que não tinha nem beco prá gente entrar, aí a gente vendeu lá e a gente comprou aqui.

TF – Essa invasão de lá foi... Essas pessoas vieram de onde, o senhor se recorda?

JS – Aí, ali... dali eu não... eu nem sei porque dali, quando eles invadiram foi muita gente, ih!

TF – Mas vieram todos juntos, assim, de repente?

JS – Não, foram fazendo. Quando eu comprei o barraco lá, que eu... que a gente estava casado, eu comprei o barraco lá, só tinha uma meia dúzia de barraco ali, na Avenida dos Democráticos.

TF – O senhor comprou como? Comprou de uma pessoa...

JS – Comprei de um mineiro.

TF - ... com escritura, não?

JS – Não, não, ih, nada. A gente comprou o barraco lá, um barraco velho, coberto com lona e uma banda com zinco. Aí eu estava lá pertinho, não dava nem 5 minutos da fábrica - que ‘inté’ hoje tem a fábrica lá, não tem mais, só tem o prédio né?! e a gente... eu... eu trabalhava na fábrica e morava lá. Mas a gente morou... a gente morou, mais ou ‘meno’, um ano lá, e rato assim, dentro... De noite, começava eles a namorar, os rato que até... (risos) A gente: “Será que é... que é ladrão que é (Inaudível)?” Aí, naquela época não tinha nada disso, a gente podia dormir com a porta aberta... Aí a gente morou quase um ano, a gente ajeitou o barraco. Aí o meu patrão falou assim: “João, eu vou te emprestar dinheiro...” Eu tinha duas ‘féria’ vencida. Ele disse assim: “Ó, vou te emprestar o dinheiro para você

endireitar o barraco.” Mas o dinheirinho eu já vinha juntando quando eu era solteiro, vinha juntando... Aí o meu patrão foi... eu tirei as férias, ele inteirou com um pouco de dinheiro, que aí ficava pertinho da fábrica, né, eu ficava... isso ficava pertinho. Eu tomava conta da fábrica, trabalhava lá, tomava conta, e morava cá. Aí, quando o pessoal ‘invadiram’, aí eu fiquei doidinho que era com tanta da gente, aí fizeram (inaudível), olha, não tinha lugar da gente passar, lá, na Avenida dos Democráticos. Aí, eu vim, comprei isso aqui.

TF – E como era ainda na Democráticos, vamos parar só um pouquinho nas Democráticos...

JS – Certo, certo.

TF - ... na Democráticos, como era a situação de água, esgoto, luz?

JS – Não tinha esgoto, não tinha água... A gente pegava água na Avenida dos Democráticos, na rua principal...

TF – Mas o que, era uma torneira pública ou como era?

JS – Era torneira pública, era ‘inté’ no... perto do posto de gasolina, lá na... na... na Avenida dos Democráticos, tinha um posto de gasolina ali.

TF – Espere aí que a Gleide quer falar alguma coisa, João ‘pera’ aí... Que foi, Gleide?

GG – Sr. João, o senhor se lembra qual era o nome da fábrica?

JS – Da que eu trabalhei?

GG – É.

JS – Ah, me lembro! A minha carteira... a minha carteira é... a Andréa levou, né, Lina, para pagar a... Você quer saber o nome da firma?

GG – Isso.

JS – Era Composição de Tintas Sican Ltda.

TF – Era uma fábrica de tintas?

JS – Era uma fábrica de tinta.

GG – E ficava, mais ou menos, a que altura, ali...

JS – Ali de frente...

GG – O senhor falou “mineiro”. Que eu conheço, o mineiro era aquele que tinha um bar na Estrada de Manguinhos.

JS – Não, minha filha, isso ali era... Quando eu comprei esse barraco lá, só tinha uma meia dúzia de barraco. Aí o mineiro vendeu e foi embora para Minas.

GG – Sei.

JS – Acho que quiseram tomar a mulher dele lá, que era uma mulher bonita (risos).

GG – Mas essa fábrica e essa sua casa ficavam, mais ou menos, onde?

JS – Olha...

GG – É na Democráticos em que altura, mais ou menos?

JS – Olha, eu trabalhava... eu trabalhava no 315, ‘inté’ hoje é o 315 lá, e eu morava de frente, mais para dentro, assim, para dentro da favela. O 315 é...

GG – Depois da Estrada de Manguinhos?

JS – É, depois da Estrada de Manguinhos, para lá. Não tem o... não tem ali o...?

GG - ... Colégio Clóvis Monteiro?

NL – É, no Clóvis... não, não é no Clóvis Monteiro não.

JS – Não, aquela... aquela escola que eu estudava lá, que era...

NL – Rui Barbosa...

JS – Não, minha filha, não é, é Oswaldo Cruz.

NL – Oswaldo Cruz (?)...

GG – Oswaldo Cruz.

JS – A fábrica ficava na frente...

CG - Ah sim...

JS - ... e a Oswaldo Cruz ficava nos fundo. Quando eu trabalhava lá a professora ia... Quando a gente fazia negócio de desidratar óleo, que era fábrica de tinta, mas desidratava óleo, né, e aquilo saía muita fumaça, e a professora, de vez em quando botava telefone para lá e... xingando a gente, que a fumaça ia lá para dentro da escola, né? Aí o sr. Maurício, ele é alemão: “Oh, como é que eu vou fazer?”, e que não sei o que e tal. Eles ‘implicava’

muito, mas aí eles deram um jeito daquela fumaça ir prá dentro d'água, prá não sair lá para a escola. Quer dizer que ali é 315. E eu morei assim, desse lado, lá para dentro, assim, que dava... podia dar uns 100 'metro' de lá do 315, assim, para dentro da favela.

TF – Já se chamava favela naquela época?

JS – É, era favela. Só tinha uma meia dúzia de gente, mas quando a gente saiu de lá já tinha mais de 2.000, já tinha mais de 2.000 'pessoa' ali.

TF – Nossa! (Inaudível).

GG – Pela localização que ele está dando, o posto de gasolina, a Escola Oswaldo Cruz, era Vila Turismo, que estava nascendo, pelo que ele conta...

JS – Isso, é, com a...

GG – ... Vila Turismo.

JS - É isso mesmo.

TF – E já se chamava Vila Turismo?

JS – Não, não me lembro não. Quando eu saí de lá... não me lembro não. Eu sei que ali tinha uma rua que tem...

TF – Tinha um nome? Tinha um nome essa...?

JS – Não, não, 'inté' que ainda tem essa rua ainda lá, que sai lá no... no... no valão lá embaixo, né? É. E é isso aí. Eu... O Rio de Janeiro eu adoro, criei 8 filho. Meus 'filho' todo mundo é trabalhador. Meus 'filho' não fuma, não bebe, que o pessoal... Eu sempre... eu debatia com gente, às vez, de assim, de fora, que dizia assim: "Ah, porque mora..." naquela época, "Ah, porque mora em favela (Inaudível)." No que eu digo: "Olha, não fala isso não porque eu conheço muita gente, muitas 'moça', muitos 'rapaz' que nasceu e se criou na favela, são honesto, trabalhador, não usa tóxico..." Quer dizer, eu conheço muito aqui porque eu tenho 50 ano direto que eu moro aqui, quer dizer que eu conheci... Já morreu muita gente na favela. E eu conheci muita gente, também, rapaziada, aí, que não é de usar tóxico, 'inté' hoje hoje... vive morando a... uma... uma parte ainda mora aqui, já velho, já, né Nita?

NL – É.

JS – Mas não usa esse negócio de tóxico, nem de coisa, nem de... nada, é 'umas' 'pessoa' direita. Eu, sempre, eu debati com isso. Não, em favela mora gente boa, também mora gente ruim em todo o canto, que agora, só isso aqui, em todo canto mora gente boa e mora gente ruim. Não é só aqui no Rio de Janeiro, é São Paulo, prá o Norte, por tudo quanto é canto.

TF – Com certeza. Me diga assim, daí, quando...

JS – Aí eu debatia... (*ruídos*) Eu debatia sempre com os ‘povo’...

TF – E quando...

JS - ... que falava comigo: “Não, Ave Maria, você mora em favela?” Eu digo: “Moro e com muita honra.” Toda vida, graças a Deus... Eu negocieei uma fase de 30 anos. Eu viajava para o Norte, deixava a minha mulher aí, essa princesa (*risos*). Às ‘vez’, ia visitar meu pai, todo ano eu ia, né, e ficava, às ‘vez’, 20 dias, um mês lá, ela não reclamava de nada, ninguém mexia com ela. Se ela ia sair com o namorado não ia falar comigo (*risos*), mas não arranjava não. E eu... para mim é uma riqueza isso aqui.

TF – E quando o senhor veio para cá, então, lá tinha... estava muito apertado na Vila Turismo, quer dizer, que depois foi chamado de Vila Turismo, então, o senhor veio aqui para esse lado de cá.

JS – Aí eu fui e comprei um barraquinho, comprei um barraquinho que era lá nos fundo, era feito de... de tábuas de caixote, né? Aí eu fiz uma casinha melhorzinha, de tijolo, que foi, aqui dentro, foi quem primeiro fez casa de tijolo foi eu, fiz ali nos fundo uma casinha com quarto, sala, cozinha e banheiro. Aí o pessoal: “Não, mas você vai fazer casa de tijolo e tal, você vai perder.” Eu digo: “Olha, se eu morar um ano está tudo bom, já tá pago. É melhor do que pagar aluguel.” Aí, ‘inté’ hoje eu estou aí, morando aí. Já ‘perdemo’ tudo na enchente. Deu a enchente...

TF – Mas como é que foi a enchente? Conta para a gente, quando é que foi a enchente?

JS – A enchente foi em... quando, Lina, 62?

NL – 60.

JS – 60?

NL – 60.

JS – 60. Deu a enchente, foi uma (Inaudível) de 4 metro d’água. ‘Cabou’ tudo o que a gente tinha, ficou o lais da cama, porque arreventou a porta dos ‘fundo’ e carregou tudo, e o lais da cama ‘engadanhou’ assim na porta e ficou de (Inaudível) assim, aí ‘engadanhou’ com aquela lama com cobra, com rato, que foi um sufoco para a gente curar. A gente morou quase um ano aí no lais de cama, porque a gente sofreu, mas, graças a Deus, nunca...

TF - No que de cama? Não entendi o que o senhor está falando.

JS – Hein? O lais da cama. A senhora sabe o que é o lais da cama?

TF – O que é, cabeceira?

JS – (*risos*)

GG – É o estrado.

JS – Oh, minha filha, mas é o estrado, é (*risos*).

GG – Onde assenta o colchão (*risos*).

JS – Nós não tinha dinheiro prá gente comprar colchão nem nada, aí tinha uns ‘caixote’, a gente botou cada um caixote assim, aí ‘botemo’ com uns...

NL – Caixa de cerveja.

JS – É, umas ‘caixa’ de cerveja, aí botou e a gente dormia ali em cima.

TF – Está certo.

JS – E eu...

NL – (Inaudível)...

JS - ..., mas assim, com tudo isso, deu...

NL - ... para colocar em cima, mas ele não tinha mais.

JS – ... deu duas, ‘foi’ duas ‘enchente’ que a gente... que a gente sofreu aqui, quando já tinha o Jorge e a Fátima...

NL – É.

JS - ... que “tava” deste tamanho. E eu sai com... eu sai com um, ela saiu com outra, fomos lá para o Torres Homem, que é ali no... Sabe onde é o... o Torres Homem?

TF – Sei, sei, do lado da Fiocruz, do lado da ENSP.

JS – É, que dalió, naquela subidinha ali era o hospital de tuberculoso, ali, né? Aquele hospital ali eles acabaram e foram lá para... foi... Jacarepaguá, lá para a Curicica, né? E aí a gente já morava aqui, aí peguei ela, ela pegou o menino e eu a menina e ‘fomo’, ‘fiquemo’ a noite toda lá, ali no...

TF – A 2ª enchente foi quando?

JS – A 2ª nem me lembro mais, a... Foram as duas, né?

NL – 62.

JS – Foi 62?

NL – É.

TF – Uma foi em 60, e a 2ª em 62?

NL – É.

JS – É isso.

TF – Vocês, então, entre uma e outra, continuaram morando lá, ainda, atrás, não?

JS – Foi, a gente não podia fazer coisa não. Aí eu falei assim: “Olha, eu mesmo não vou comprar móvel porque vai dar outra enchente e a gente vai perder tudo. Aí foi (Inaudível) que foi melhorando, tal, aí a gente fez aqui, né, Lina?”

NL – É.

TF – Mas aqui embaixo vocês fizeram um bar e vocês moravam nos fundos...

JS – É, aí fizemos, é.

TF – Como era?

JS – Aí ‘fizemo’... enquanto a gente fez lá, que ‘tava’ morando lá assim mesmo, aí ‘fomo’ fazendo aos pouco aqui, né? ‘Fizemo’ em baixo, que, naquele tempo, a gente já tinha a tendinha, né, ‘fizemo’ em baixo, já ‘fiquemo’ morando, negociando e morando lá. Aí, depois, quando foi no outro ano, aí a gente arrumou, foi arrumando um dinheirinho, aí ‘fizemo’ aqui em cima.

TF – E aí, foi quando que o senhor fez aqui em cima, mais ou menos, o senhor lembra?

JS – Eu nem me lembro mais, tem tantos ano. Parece que foi em 65, né, Lina?

NL – É.

GG – Essa...

JS – 66, uma (Inaudível) de 66.

TF – Gleide vai falar alguma coisa.

GG – Sr. João, quando o senhor diz que a casa era lá atrás, era na beira do rio?

JS – Na beira do rio. Aí eles foram afrouxando prá gente ir fazendo, porque era muito lá no rio: “Não, vocês vão fazendo, coisa e tal.”

TF – Quem foi afrouxando?

JS – Aí o...

TF – Quem foi afrouxando?

JS – Foi esse pessoal do Correio.

TF – Mas por quê? Eles eram proprietários do terreno?

JS – Não, eles não era... Bom, naquela época era... a torre que tinha aí, era dos Correios, né? Mesmo que o pessoal não... não coisa: “Não, pode ir fazendo”, coisa e tal, porque era muito dentro do rio. Quando dava enchente carregava os barraco...

TF – Não, mas quem... quem deixava e não deixava? É isso que eu não estou entendendo.

JS – Olha, quem é esse camarada... meu Deus, acho que já ‘inté’ morreu, que era um... era um escuro que tomava conta ali, perto de onde é a Telerj, ele tomava conta, tomava conta disso aqui tudo, né? Aí, ele... ele... É porque eu esqueço o nome do rapaz. Aí ele disse: “Não, vocês podem ir fazendo, aumentando.” Mas ali já tinha uma cerca passada ali para ninguém invadir para lá, tinha uma cerca tudo de arame, era...

TF – Onde tem o Ciep agora? Seria ali, não, ou é mais para lá?

JS – O que, a cerca?

TF – A cerca.

JS – Não, a cerca era... era... mais ou menos beirando essa rua que vai para lá, entendeu? Era beirando essa rua, mais ou menos isso.

GG – Rua Carlos Chagas.

JS – É, que vai... é...

GG – O rio a que ele se refere é o Faria-Timbó.

TF – Sim, e a rua da cerca é a Carlos Chagas?

GG – Seria a Carlos Chagas.

JS – É, isso mesmo, beirando aqui, na ponta beirando a gente.

TF – Mas não chamava Carlos Chagas?

GG – Não.

JS – Não, era a varginha.

TF – Não tinha rua?

GG – Não, pelo que ele conta, não tinha rua, era Varginha.

JS – Não, mas o nome... era só varginha aqui.

TF – Por que chamava “Varginha”?

JS – Chamava varginha porque é... isso aqui era tipo uma vargem mesmo, quando enchia, a água dava por aqui, lá, onde é esse campo... aqui, onde era o “Brizolão”... isso aí tudo enchia d’água que ficava aí, igual ao... na praia.

TF – Mas enchia do Faria-Timbó ou vinha do outro rio?

JS – Não, vinha de lá e daqui.

TF – Juntava os dois rios?

JS - É, porque eles fizeram aquela ponte ali, ó, quando essa... essa... essa pista ali era uma pista só. Aí eles fizeram a... essa pista de cá, aí...

TF – Da Leopoldo Bulhões? A pista que o senhor diz é a Leopoldo Bulhões?

JS – É, é, era uma pista só aquilo ali. Então, eles fizeram essa pista de cá, aí... e meteram uns pilar aí, debaixo da... da... linha do trem, muito cruzado aqueles pilar, então, quando vinha a enchente engadanhava lixo ali, ia acumulando, acumulando, aí a água passava por cima, sobrava água por cima da pista, aí enchia tudo. Agora não, eles tiraram aquela... os pilar que ‘tinha’ lá, eles tiraram. Não faz nem muito tempo que eles tiraram, e aí não deu mais enchente não.

TF – Mas, depois que o senhor fez a casa aqui, o senhor presenciou outra enchente ou não?

JS – Deu, deu outra enchente, né, Lina? Ali embaixo a gente tinha geladeira... ficou tudo boiando n’água, essa... freezer, ficou tudo boiando. A gente ‘inté’ que amarrou com corda prá... que tinha bebida dentro, mas conforme a água ‘tava’ subindo, e ela... ela subia também na água. A gente sofreu muito aqui, a gente... Isso aqui é... agora está ótimo, muito bom. Depois que eles fizeram isso aqui, essa pista daqui de baixo, é uma beleza, não enche mais.

TF – Que pista aqui de baixo?

GG – É que... a beira do rio...

TF – Gleide...

GG - ... a beira do rio Faria-Timbó, ela foi toda... foi desocupada...

JS – (Inaudível)...

GG - ... foi tirada uma faixa de moradores da beira do rio Faria-Timbó...

JS – Foram lá para o Pinheiros

GG - ... que foram para o Pinheiros, Salsa e Merengue, aqueles conjuntos próximos a... que compõem o Complexo da Maré. E... eles fizeram uma pista, então, é possível entrar como eu ‘tava mostrando pro Fábio, entrar pela Leopoldo Bulhões, ir até o final da Varginha, e sair, ou pela Carlos Chagas ou pela outra pista, que é ao longo do rio Jacaré, onde fizeram a mesma... a mesma obra. É... eu queria... eu queria... perguntar uma outra coisa. Em conversas passadas vocês disseram que depois de um certo tempo vocês mudaram daqui. Como foi isso?

JS – Ah, não, isso ali, isso foi que a gente ‘fomos’ ver se botava um comércio lá no Norte, mas a gente não ficou nem um ano, a gente voltou para cá.

TF – Mas aí, vocês deixaram aqui com quem, com os filhos?

JS – Olha, a gente formou um negócio, eu com... com o rapaz, o... era casado com a minha sobrinha, mas ficou dele... ficou tomando conta, e nós fomos para lá, e, depois, a gente ‘peguemo’ de novo, com o Cléber.

TF – Vocês foram lá para João Pessoa e voltaram, foi isso?

JS – Não, não, ‘fumo’ para um outro canto, um lugar chamado Bananeira, que era minha terra, também, lá. É João Pessoa, Bananeira, Guarabira, tudo é uma coisa... tudo... é tudo junto as cidade, tudo junto.

TF – Mas por que vocês resolveram se mudar daqui?

JS – Não, porque eu achei, que eu fui visitar meu pai lá, e eu achei que o comércio lá era melhor. Aí, cheguei lá, não deu certo, a gente voltou.

TF – E não deu certo por quê?

JS – Não tinha comércio, eles me enganaram, eles me enganaram, lá, que era muito bom de comércio e tal, quando cheguei lá eu quase que morro de fome (*risos*).

TF – Aí voltou e desfez o trato com o sobrinho?

JS – É, aí ‘fizemo’ negócio... ‘desmanchemo’ o negócio, aí eu tomei conta, e ele foi... comprou um outro comércio lá no Jacaré. É o Cléber, ele é... casado com a minha sobrinha.

TF – Teve uma época...

JS – Ele sofreu prá caramba também prá...

TF – Eu estou me lembrando que teve uma época que nós, da Fundação, almoçávamos aqui. Na 6ª feira tinha uma feijoada fantástica que dona Nicolina fazia.

NL – Eu ia (Inaudível)...

TF – Vocês lembram disso, que nós vínhamos muito para cá?

NL – Até hoje ele ainda dá pensão, né, até hoje ele ainda dá pensão.

TF – Mas é o pessoal da Fundação que vem para cá?

NL – Vem.

JS – Vem, (Inaudível) de Fundação, vem lá da... esse pessoal que trabalha na COTRAM vem e... aí come com ele aí. E aí? (*risos*)

TF – Conte mais.

JS – Agora não tem mais, agora não tem mais nada prá contar.

TF – E olha só, como é que é, já perguntei para a Nicolina, como é a relação, como é que o senhor viu o crescimento dessas outras comunidades em volta, que, quando vocês vieram para cá era só mato, como Nicolina disse?

JS – Aí, eu... Tem muitas ‘coisa’ ainda pra ‘mim’ falar. Aí tinha esse... Aqui dentro não tinha escola, isso aí era mato. Aí a Fátima já era uma mocinha já, não sei se a Fátima já tinha casado ou o que... tinha não, aí a Fátima se interessou, chegou inté’ a falar com o Brizola, e...

TF – Fátima... estudou onde? Ou não tinha estudado ainda?

JS – Não, a Fátima tinha estudado. Eu nunca tirei meus filho da escola não, estudava em Oswaldo Cruz. Aí ela chegou a falar com... com o Brizola, e ele fez esse “brizolão” aí. Mas isso aí, se não é a gente que morava aqui, isso aí era uma favela, porque eles invadiram umas quatro, cinco ‘vez’ aí, o povo. A gente juntava...

TF – E aí vocês faziam o quê?

JS – A gente juntava o coisa, não deixava não! A gente pedia, coisa e tal, vinha polícia, vinha esses pessoal dali dos Correio, e não deixaram, aí... mas que eles chegaram a marcar barraco. Deus me livre, se forma favela ali eu não ‘tava’ aqui, porque aí já ia... já ia dar bagunça, né, porque favela aqui e ali, eu acho que (Inaudível).

TF – Ali, que o senhor está dizendo, é do outro lado da calçada, do outro lado da rua? Onde tem o “brizolão”?

JS – É, aí no “brizolão”, né? É, onde é a (Inaudível), por ali. Aí invadiram umas 5 ‘vez’, por (Inaudível) que ia a polícia, ia os Correios, tal. Aí, o “Brizolão”... Aí a Fátima foi, ela mais uma outra professora lá do Manguinhos, nem me lembro quem é, aí chegaram a falar com o Brizola, foi tempo de eleição. E o Brizola mandou fazer esse daí, esse “Brizolão”, que aqui não tinha escola. Os ‘pessoal’ ia estudar lá no... lá no Manguinhos, lá para Bonsucesso. A criança... (*interrupção na fita*)

Fita 1 – Lado B

NL - ... morria muita gente.

TF – Sim, então o senhor estava falando da pista e do “Brizolão”.

JS – É, isso aí morria muita gente daí, criança atropelada aí, nessa pista aí, que era só uma pista só. Morria muita criança e adulto e tudo, não esperava carro, era mão dupla, que dizer, um passava pelo outro, quando olhava para lá o outro já vinha em cima (Inaudível). E o trem também, esse trem aí, Deus me livre, matou muita gente aí. A pessoa descuidava, atravessava para lá, o trem, ó. Quando às ‘vez’ ele passava, ia na linha, quando ‘vinha’ muita gente, chegava, pedaço de gente... é... o trem passava por cima, espatifava tudo. E morreu muita gente ali porque era... ali era, há muitos ‘ano’, era uma cancela, tinha uma cancela ali.

TF – Não tinha... não tinha passarela por cima?

JS – Não, era uma cancela que tinha ali, e tinha um buraco para atravessar para lá. Naquele buraco ali a pessoa passava e descuidava... o trem.... Matou muita gente, muita criança ali.

TF – Mas como é que foi, o senhor não me respondeu, quer dizer, essa relação com o crescimento das favelas? Tinha essa aqui em frente que vocês seguraram o crescimento dela.

JS – Foi, a gente não deixou.

TF – E as outras no entorno todo?

JS – Ah, mas as ‘outra’... Olha, essa favela daí... Vai começar de novo (*risos*). Essa favela daí, foi em 54, eu trabalhava na... eu cheguei a trabalhar ali ‘poucos’ tempo, na... na refinaria ali, na... que foi a 1^a refinaria que fizeram, e aí e... tinha uma favela no Caju, e aí a... essa encanação dali, do Manguinhos... Vocês ‘sabe’ essa refinaria ali, não sabe, do Manguinhos? Ali, a tubulação foi dali ‘inté’ lá no cais do porto, lá no... no... ali no Caju, por ali, né? Então, passou no... que tinha uma favela ali... passou a tubulação no meio da favela. Eles tiraram o pessoal... ‘Inté’ nisso esse terreno aí era todo vazio, essa parte dali, perto da linha... da linha do trem, da estação do trem para lá isso ali era tudo vazio, não tinha casa não.

TF – Para lá onde que o senhor diz?

JS – Ali, ó. Não tem a estação aqui?

TF – Tem.

JS – Então, desse terreno para cá tudo era vazio.

GG – Para lá, que o senhor diz, é até o rio Jacaré?

JS – É, isso ‘memo’, tudo era vazio. E só essa favela dali, que eu saí, era que invadiu. E essa dali eles não ‘tava... não ‘tava... eles não ‘tava’ deixando ninguém fazer. Aí, a do Caju, em 54, aí veio para aí. A favela aí danou-se tudo, formou-se a favela aí que veio do Caju. Foi... já foi em 62, né, Lina? que deu a enchente, que eles fizeram uns ‘barraco’ assim, em cima de uns pranchão assim, e conforme a enchente deu, aí carregava o barraco inteirinho, que fizeram barraco de ‘tauba’, né, e fez assim, em cima daqueles pranchão. A enchente dali foi pior do que aqui, era 4 ‘metro’, 5 ‘metro’ de água de altura. Aí a água levava assim, com pranchão e tudo, ó, o barraco, levava o barraco inteirinho.

TF – Qual é a que você falou, Gleide?

GG – Pelo que ele diz, a gente está... e pelo que nós vimos nas fotos lá do arquivo, ele está falando do Parque João Goulart, porque o Parque João Goulart tem essa localização que vai da estação, desse rio Faria Timbó, até o rio Jacaré. E nas fotos que nós vimos, a Michele e a Consuelo se recordam, os barracos eram... pareciam vagões.

JS – É isso mesmo.

GG - Eles tinham uma elevação, 3 degraus, e aqueles barracos de tábua larga que, olhando, pareciam vagões. É o que ele está falando.

JS – É, que naquela época foi feito assim. Aí os ‘pessoal’ foram fazendo aqueles ‘barraco’ de tábua, não foi... foi acabando, né, aí foram fazendo casa de tijolo. Aí, esse... esse... esse prédio que tem ali, que é... que eles falaram que é do ex-combatente, a gente já morava aqui, eles fizeram aqueles ‘prédio’. Acho que é negócio de pessoal da polícia, reformado, coisa, aí fizeram aqueles conjunto lá. Mas foi... fizeram isso aí já... acho que já tinha, parece que já tinha barraco. Tem tanta coisa que eu ainda nem... eu... prá lembrar as coisa, né, é muito... tem que ter a cabeça boa, né, prá lembrar, né?

GG – Sr. João...

TF – Gleide.

GG - ... eu perguntei para a Nicolina e ela não se recorda por que vocês vieram para cá em 72, e, pelo que a gente sabe, foi exatamente em 72 que foram demolidos uns prédios que tinha dentro de Manguinhos. O senhor se recorda desses prédios?

JS – Demoliram em Manguinhos?

GG – É, uns prédios que tinha dentro de Manguinhos, do outro lado do rio, de um lado do rio.

TF – Na Democráticos, né, Gleide?

GG – É, na Democráticos, próximo à Democráticos. Tinha até uma escola, Olavo Freire, o se... o senhor se lembra dessa...?

JS – Não, não lembro. Que foi demolido o prédio?

GG – Exatamente, em 72 eles foram demolidos.

TF – Uns prédios que foram... diziam que tinham... que iam cair porque estavam com rachaduras.

GG – Condenados.

TF – Estavam condenados.

JS – Ah, eu me lembro! Era ali na... no que vai para o Jacaré, desse lado.

GG – Isso.

JS – Onde tem aquela escola... Como é que chama aquela escola?

NL – Na Coréia.

JS – É isso mesmo, é... que fizeram uns conjunto e aquilo começou... começou a dar “rachamento”. Eu me lembro disso. A gente já morava aqui já. (Inaudível).

TF – E a relação de vocês, da comunidade, de vocês, particularmente, com a Fundação Oswaldo Cruz, essa vizinhança?

JS – Não tenho nada de dizer não, nada, que esse pessoal que era... era... daí da Fundação, aí da... do ‘coisa’, e... e... a maioria era meu freguês quando eu tinha comércio aí, a maioria deles: eletricitista, médico, muita gente vinha... vinha... Naquela época eu não dava... não dava comida não, eu fazia negócio de salgado. Era frango assado, era peru, era galo, era... assim, tudo de salgado, enchia uma vitrine grande que eu tinha, que tem ‘inté’ lá hoje, dá quase um metro, aí aquilo eu enchia tudo de salgado, de carne-seca, peixe, e os ‘pessoal’ vinha. Médico de lá vinha para aí tomar uma cervejinha.

TF – E vocês iam lá na... na Fiocruz?

JS – Não, eu tinha minha... Alguma vez que eu ia lá, mas eu tinha meu irmão...

NL – E eu?

JS – Você...?

NL – Eu não moro lá?

TF – Fale, Nicolina.

JS – Ah, você mora lá (*risos*).

TF – Nicolina mora na Fiocruz?

NL – Eu moro na Fiocruz...

TF – Por quê?

NL - Tanto vou de manhã como vou de tarde, vou fazer acupuntura, vou no dr. Sérgio... Ah, eu me dou bem com eles lá, são muito meu amigo.

TF – Mas isso só agora ou você sempre foi assim? Foi...

JS – Não...

NL – Só, muitas vezes assim, agora, depois que me deu derrame, aí que eu (Inaudível) sempre lá.

JS – Agora, eu tenho o meu irmão que aposentou lá. Ele trabalhou lá, meu irmão trabalhou 35 ‘ano’ lá. Ele foi faxineiro, ele foi porteiro, ele trabalhou em negócio de... de... de plantação de... de flores e coisa, aí, depois, botaram ele prá... era... negócio de tomar conta de macaco, de rato (*risos*)... Como é que chama, que trabalha com...?

TF – Biotério.

JS – É isso. Aí, eu sei que ele trabalhou 35 ‘ano’ lá, aí tá aposentado, tem... Tem uns 5 ‘ano’, né, que ele aposentou ou mais? Tem mais.

NL – Tem mais.

JS – Aí eu ia trabalhar lá naquela... nes... nessa época que o meu irmão entrou lá, que eu que arrumei com uns guarda que tomava conta daí, aí eu arrumei para ele, para meu irmão, aí eu ia trabalhar lá também. Mas, como naquela época eles não gostava de pagar, não gostava de pagar assim, porque tinha vez que levava 6 mês sem receber pagamento. Aí eu falei assim: “Não, eu não vou, não vou trabalhar porque como é que eu vou ficar 6 mês sem receber?” Só que recebia tudo, mas era 2 ‘mês’, 3 ‘mês’, talvez ‘inté’ 6 mês sem pagar. Naquele tempo era... do governo, né, do... do... isso aí, agora nem sei se é do governo ainda ou o que. Aí o meu irmão ficou, né, que a família do meu irmão morava lá no Norte, né, e eu, aí, eu tinha a minha família e eu não podia ficar, trabalhar 3 ‘mês’, 4 ‘mês’ sem receber. Aí foi por isso que eu não trabalhei lá.

TF – Mas o senhor teve, então, proposta para ir trabalhar lá?

JS – Ih, arrumaram lá para mim, para mim... e arrumaram para o meu irmão, o Antônio.

TF – O senhor ia fazer o quê? Qual era a sua proposta?

JS – A minha proposta era trabalhar no mato, capinando (*risos*), que eu não tinha... eu não tinha leitura. Quer ver? Eu falo assim prá minha velha, eu digo: “Olha, Lina, eu não sei...” Eu sabia assinar o nome, como ‘inté’ hoje, né, ler alguma coisinha, mas quantas ‘vez’ eu peguei ônibus errado (*risos*). E... e eu sofri muito, mas aí, depois, eu falei assim: “Não, eu vou arranjar ele de trabalhar.” O meu irmão... o meu irmão também não tinha leitura. O meu irmão entrou como faxineiro. Eu ia entrar como? Ia de faxineiro também, capinar mato, cortar mato, coisa. Aí Deus me ajudou eu que eu não... não... eu não quis, não quis por causa disso. Ficava de 3 ‘mês, de 3 a 6 mês sem receber, só que quando recebia... Deve ter gente lá ainda, talvez não tinha mais não, mais gente que aposentou por lá, mas era assim, 6 ‘mês’ sem receber. Só que quando vinha aquele pagamento, vinha tudo. Os guarda mesmo falava, tinha muito guarda que tomava conta daí ‘pro’ pessoal não invadir, né, os... uma gente boa, o pessoal daí, é muito bom aí.

TF – A Gleide quer falar alguma coisa.

GG – É... Eu quero perguntar para a Nicolina se você fez pré-natal, vacinação das crianças aqui, nesse posto.

NL – De todos eles, todos eles foi feito. Fiz pré-natal, dei todas vacina nele, (Inaudível) nas ‘criança’, 7 filhos, mas, graças a Deus...

JS – Sete ‘filho’ e o neto, oito.

NL – É.

JS – A gente criou o neto com 2 ‘mês’ de nascido, 8 filho, 5, né, 5 mulher e 3 homem.

NL – É, é.

TF – Os seus filhos continuam morando, também, aqui, na vizinhança?

JS – Mora, mora. A Fátima mora aqui, meu neto mora lá embaixo, perto do campo, a Jane mora lá em Greenville²...

NL – Três (Inaudível).

JS – Andréa, Jane, todo mundo mora aí. Eu tenho... eu tenho casa lá em Pavuna, só a minha filha que mora lá, a... Ivonete, que mora em Pavuna, né? (Inaudível)...

² Refere-se a uma das comunidades de Manguinhos.

TF – Ah, então, o senhor tem uma casa em Pavuna? O senhor construiu quando essa casa?

JS – Essa casa já tem mais de 20 ‘ano’, que eu comprei um terreno lá, que eu ia morar lá, né, lá na... na... Aí, depois, achei que era muito contra mão, o médico tinha (Inaudível) filha não era muito bom lá não.

TF – Por quê?

JS – Porque tudo era difícil lá em Pavuna. E aí eu...

TF – Por que era difícil?

JS – O médico era longe, a gente não tinha carro. Aí a gente tinha comércio aqui, depois... Não, eu não vou, não vou para lá não. Aí... a minha filha foi e ficou morando lá com a empregada. Aí, tem a moça...

TF – Mas o senhor... o senhor chegou, então, a fazer uma casa lá, depois é que desistiu?

JS – É, eu fiz, cheguei a fazer uma casa lá, aí desisti. Aí a minha filha ficou morando lá.

TF – Mas o senhor chegou a morar lá, não?

JS – Não, não, não cheguei a morar lá não. ‘Inté’ hoje eu tenho, tenho lá o terreno lá e a minha filha já fez outra casa, e tem essa outra lá, eu vou ‘inté’ alugar ela. Mas eu não tenho vontade de sair daqui, porque, ó, ela... ela ‘veve’ doente, os ‘médico’ é aqui, de olho fechado ela vai prá lá prá os médico, quer dizer, eu preciso de médico, tem aí, Del Castilho, lá no Méier, é Méier, né, no Méier. Pego um carro aqui, um taxi aqui, é 5 ‘minuto’ a gente tá lá, ela, com 5 minuto de pé e tá ali no posto. A gente vai fazer o quê? É... Supermercado é ali em Benfica, Bonsucesso, tudo, que a gente pega o ônibus aí, 5 ‘minuto’ tá no supermercado, então, não é preciso a gente sair daqui.

TF – Gleide.

GG – Falando de ônibus, exatamente, quando foi que começaram a circular ônibus aqui, na Leopoldo Bulhões?

JS – Olha...

GG – Quais eram as primeiras linhas, se tinha ônibus?

JS – Olha, a 1ª linha que tinha aqui, quando eu vim morar aqui, era o Caxias - Praça da Bandeira, era um ônibus azul. Só era um ônibus só, de Caxias à Praça da Bandeira, quando... passava ali. Aí, depois... Essa linha de ônibus foi muitos ‘ano’, não tinha outro, não tinha outro não. Aí, depois, que veio o... o... eu não sei se foi o 350...

NL – 634.

JS – Foi o primeiro?

NL – Foi.

TF – Qual o ônibus? Qual?

JS – (Inaudível), o primeiro 634...

NL – 634.

TF – Seiscentos e...?

NL - ... 34.

TF - ... e 34.

NL – (Inaudível) Freguesia...

JS – É Freguesia...

NL - ... Praça Saens Peña.

JS – É, isso. Aí, depois veio essa linha do 350, mas só tinha somente um ônibus... o... o Caxias – Praça da Bandeira.

TF – E o serviço de água e esgoto chegou quando aqui?

JS - Não, o esgoto a gente sempre teve aqui, que é dentro do rio, jogava o esgoto tudo prá dentro do rio, e a água...

TF – E continua assim?

JS – É, e a água eles tinha uma bica ali, que o... aquele prefeito de lá, de... do Jacarezinho, que era... que era prefeito de lá, era, sei lá, governador, que foi que deu uma... essa água aí prá gente. Mas a gente ia pegar água lá no Morro do Amorim, que aqui não tinha. Foi o... foi um cara que foi governador, que era lá do Jacarezinho, que mandou botar essa água aí prá gente, essa bica d'água. Mas antes a gente ia pegar lá no 'coisa', lá...

TF – Mas isso, essa bica aqui, já foi quando, o senhor se recorda?

JS – Ah, não...

TF – E a água dentro de casa?

JS – Olha, tem mais de 40 ‘ano’.

TF – A bica aqui na... ness... em frente?

JS – É, é.

TF – Mas e a água canalizada para dentro de casa foi quando?

JS – Ah, mas aí quando... quando a gente... quando a gente começou a fazer as casa, aí a gente... Foi a comunidade. Foi a comunidade que foi arrumando, coisa e tal...

TF – Mas puxava de onde?

JS – Aí veio... aí veio, essa água veio de lá.

TF – De lá de onde?

JS – Daí da... do... do cano geral. Isso aí já foi a CEDAE que cedeu essa água prá gente aqui.

TF – E os moradores se organizavam em associações, como é que era?

JS – Tudo, tinha... tinha organização, tudo. Quando era negócio da...

TF – Desde quando?

JS - ... a luz, a gente... a gente não tinha... (*barulho de campainha*) a gente...

TF – A campainha tocou.

JS - ... a gente... a luz da gente era muito fraca, e aí a luz era nossa.

NL – (Inaudível) (*pausa*).

TF – Sim, diga.

JS – Aí, que eu estava...

TF – A energia (Inaudível)...

JS – Sim, aí a luz era... era particular, a nossa luz não era da Light, era... era da Light, mas era particular, né?

TF – Como assim? Me explique.

JS – A gente... a gente comprou fio, a gente comprou... poste, a gente comprou... transformador, que ‘inté’ que, ‘às vez’, de vez em quando, o pessoal brincando, o pessoal, tem ó... tem um transformador ali na entrada, ali, encostado a esse pé de árvore ali. Aquele dali custou o nosso dinheiro, e a Light foi e tomou.

TF – “Tomou”, como assim?

JS – Tomou porque, naquela época, a gente comprou, foi... Ainda me lembro, ainda, não sei nem quantos ano faz, que foi 8 ‘conto’ de réis o transformador. Aí foi o tempo que a Light... naquela época era CE, a CE, né, Lina, CE que chamava?

NL – É, é, Comissão de Energia.

JS – É, era CE.

TF – Como é que é? Comissão de Energia?

JS – É, isso. Aí, foi... a gente comprou. Aí, depois da CE, aí a Light, com mais tempo, eu não me lembro mais, também, que faz muito tempo, aí ela tomou conta. Mas a Light não botava... não botava... não botava luz em favela não, era a CE.

TF – Mas vocês mesmos faziam a obra?

JS – Era... era da CE, naquela época era da CE. A Light só tinha... só fazia, botava luz na... nas ruas ‘principal’.

TF – E a conta de luz?

JS – A gente pagava, tinha o nosso relógio. Por isso que hoje em dia tem esses ‘problema’ todo, eu vou é já deixar prá trás esse negócio da luz, porque eles arrancaram o nosso relógio que a gente tinha, o relógio da gente. A gente sabia quanto a gente gastava de luz, aí veio esse negócio da Light, arrancou o relógio de todo mundo... Olha, que eu vou dizer prá senhora, eu pago aqui 80, 70, é de 80 prá baixo a minha luz que eu gasto. Veio conta ‘inté’ de quinhentos e pouco. Eu falei assim: “Eu não vou pagar porque eu não gastei essa luz!” Aqui em casa as ‘mesma coisa’ que eu tinha é o que eu tenho. Como é que veio uma conta de luz de duzentos e pouco, depois veio de 300, depois veio... a última que eu não... que eu não paguei foi 528 reais? Essa conta de luz tá aí, tá guardada aí, 528 reais, para aquela que paga 80, 70, conforme o tempo do calor a gente liga mais.

TF – Isso depois que a Light colocou a... o relógio dela?

GG – (Inaudível) relógio de medição?

JS – É, esse... esse negócio de computador, sei lá, esses ‘coisa’.

TF – E foi quando, mais ou menos, essa mudança?

JS – Ah, isso daí já tem bem uns 3 ‘ano’, ou 4. Aí...

TF – E a luz... a luz do poste que vocês colocaram foi quando, mais ou menos, o senhor se recorda?

JS – Que a gente botou por conta da gente?

TF – Isso.

JS – Ah, não, não me lembro não, isso aí...

TF – Mas foi logo no início ou vocês ficaram muito tempo sem luz?

JS – Não, a luz, a gente... a gente não... Quando a gente tinha... Estava sem luz, era sem luz, mas depois que a gente combinou com os ‘morador’ e tudo, e com a CE, a gente botou a luz por conta da gente. A gente comprou poste, a gente comprou fiação, comprou tudo. Isso aí tudo é...

TF – Quem... quem coordenava essa distribuição? Tinha uma associação de moradores?

JS – Tinha, tinha, o... o... um camarada aí que tomava conta.

TF – Mas era uma associação ou era uma pessoa só que tomava conta? Como era essa...?

JS – Não, era uma pessoa só que tomava conta do dinheiro que a gente ia pagar. Os ‘relógio’ tudo é particular, uns relógio pequeno assim, tudo particular, da gente, né? Mas aí a gente ia pagar ‘inté’ que o cara recebeu um... a luz toda do mês e foi embora com o dinheiro da gente. (*risos*) Naquela época...

TF – E aí, como vocês fizeram?

JS - ... foi, parece que dez, doze mil reais, cruzeiro, que o cara foi embora, aí, depois, nós tivemos que pagar de novo a luz.

TF – Nunca mais acharam o rapaz?

JS – Não, depois, eu ouvi falar que ele morou lá em Caxias, acho que esse cara ‘inté’ morreu, chamava seu Zequinha.

TF – Seu Zequinha foi... roubou a luz?

JS – Foi, que roubou o dinheiro da luz, a gente teve que pagar de novo (*risos*). Aí a Light começou a tomar conta, né, aí tomou conta, aí... só a luz só... Atrapalhou a gente, assim, que tem muita gente aqui dentro, acho que não tem nem 10% de gente... não é eu falando da vida dos outro não, que eu não gosto de falar da vida dos outro, mas eu acho que eles

estão ‘certo’ porque tem mais ou menos 10% de gente que tá pagando a luz, eu não estou pagando não!

TF – É “gato”?

JS – Não, não é “gato” não, eles não pode é fazer “gato” porque eu já ouvi falar que eles não ‘pode’ fazer. A minha eu estou pagando. Eu digo: “Ó, enquanto vier a luz muita eu não vou pagar.” Aí já tem o quê? Já tem uns 6 ‘mês’ que a gente tá pagando, né, Lina, que vem a luz, a conta de luz certa, veio 65, 70, 80, aí a gente paga. Mas da vez que veio 528 reais, ‘ade pois’ veio 200, depois veio 300, eu digo: “Então, eu não vou pagar.” Fui na Light, lá no Méier, com a conta, aí a moça me tratou muito mal: “Não, não, o senhor tem que pagar.” Eu digo: “Tenho?” Eu digo: “Então, tá legal, não vou voltar mais aqui.” Aí não voltei. Eu digo: “Enquanto a luz não melhorar eu não vou pagar.” Aí foi vindo conta grande, foi vindo conta grande, depois, aí, veio com... no controle, porque eu tinha, mais ou menos, umas 20 conta de luz, tudo assim, 60, 70, quer dizer, prá ir de uma hora prá outra pular para quinhentos e pouco, eu não ia tirar o meu dinheiro para ‘mim’ pagar, sabendo que eu não gastei aquilo. Eu levei quase uns 6 ‘mês’ sem pagar.

NL – Levamos um ano!

JS – Hein?

NL – Levamos um ano sem pagar.

JS – Um ano? Aí, depois, veio, agora digo: “Não, ‘vamo’ pagar.” Agora tá vindo normal, vamo pagar, então a gente paga. Mas aqui dentro não tem nem 10% de gente que paga.

TF – E me diz assim, a questão da água, vocês puxaram o cano dali, particular?

JS – Foi.

TF – Mas isso está legalizado? Tem conta ou não?

JS – Essa... essa conta de... essa... essa água eles... eles inventaram um tempo para a gente pagar... Eu moro na favela... Se é para pagar, eu toda a vida combinei, se é para a gente pagar a gente paga, se é prá gente não pagar, aí não paga. Então, aí, vieram, há muito tempo, que nessas ‘coisa’ eu nem me meto, só escuto, e eles começaram, que eu sou quase o mais velho que tem aqui, eles... começaram a querer que eu fosse prá associação prá tomar conta disso, tomar conta daquilo outro, prá tomar conta de campo... “Não, vocês arranja os ‘povo’ de vocês. Uma, que eu não tenho leitura, e outra, que essas coisa eu não vou me meter. Eu só vou... ter a minha família. É muita preocupação.” Eu nunca quis negócio de ser... trabalhar na associação, tomar conta de campo, tomar conta dos ‘povo’, não, eu não... É, a minha família é grande, eu não ia... né, eu ia... eu ia tomar conta de uma coisa e esquecer de outra, então, não, eu nunca quis.

TF – Fábio quer falar alguma coisa, é isso? Gleide.

GG – Tem... Nós perdemos um registro interessante. Aquele prédio que tem aqui fora, que a Consuelo viu, ele está... tem um barzinho, parece um salão, não sei bem o que é aquilo, aquele era o prédio da Comissão de Luz.

JS – É, acho que é.

GG – E em cima tinha a data, a data de fundação, só que pintaram por cima. Tinha exatamente a data que ele não se recorda, mas era por volta dos anos 60, pelo que eu passava aqui e via, é por volta dos anos 60, dessa comissão de luz. E o que o sr. João conta é o que a gente via também lá, da... a... a comissão, as comissões de luz é que originaram, depois, as associações de moradores, eram os homens que consertavam a luz. As pessoas tinham que ter transformadores em casa, que a luz caía, e vinha forte e queimava os aparelhos, e esses homens é que estavam subindo nos postes, emendando o fio, comprando exatamente com o dinheiro dos moradores, contribuição dos moradores, comprando fio, pagando transformadores...

JS – É, esse transformador aí... conforme você tá falando, que a luz, a gente queimava aparelho elétrico tudo, tinha hora que ficava 2, 3 ‘dia’ sem luz, a luz enfraquecia. Aí foi da vez que a gente comprou esse transformador aí. ‘Inté’ hoje tá aí. Eles vão trocando, trocando, mas aquele dali é nosso, daí... (*risos*) A Light tomou, mas aquele dali custou 8 ‘conto’ de réis! A... foi a comunidade que comprou.

TF – E hoje, como é que está a vida aqui hoje?

JS – Ah, prá mim é... aqui é uma riqueza prá mim. Pode me dar um apartamento em Copacabana que eu não quero (*risos*). Já estou acostumado aqui (Inaudível) fazer 50 ‘ano’, eu vou me acostumar? Nem na minha terra e nem eu quero ir prá outro canto. Pode me dar um apartamento lá em Copacabana, onde for, que eu não saio daqui não, não quero.

TF – O que é que foi, Gleide, que você queria falar?

GG – Eu queria saber um pouco sobre remoção, como foi para vocês verem as remoções, a retirada de moradores daqui, como isso bateu em vocês e se vocês sentiram, assim, que em algum momento também poderiam sair.

JS – Olha, quando eles começaram, o pessoal, a sair, muita gente conhecido aí, eu fiquei até com pena, muita gente legal, pessoal... gente trabalhador e tudo, aí eu fiquei com pena, né? Mas eu, eu mesmo, pela minha parte, eu mesmo falei assim: “Olha, se eles tirar tudo, ‘inté’ hoje, se eles quiser tirar... eu não vou morar em favela, eu vou morar no que é meu. Eu vou morar em Pavuna, vou comprar...”

TF – Mas, em algum momento o senhor achou que ia ser removido também?

JS – Eu achei, eu achei quando eles deixaram só essa beiradinha aqui, eu digo (*risos*): ”Ah... eles vão, eles vão... eles vão carregar.” Eu digo: “Vai eu com esses ‘ano’ todo, mais de...”

NL – (Inaudível).

JS – Em compensação, eu fui o camarada que toda a vida eu, graças a Deus, eu nunca tive olho grande no que é dos ‘outro’. Eu ‘tava... Quando foi para ‘mim’ fazer isso aqui, que eu vi que eles ia... tinha que fazer aquela coisa prá tirar, né, então, eu cheguei a comprar terreno em Caxias, na... no... num lugar chamado Copacabana, fica lá perto de Caxias, é dentro de Caxias. Conhece a Vila São Luís? Não conhece não, né?

TF – Acho que... é, não. Eu acho que eu conheço sim, eu acho que eu já fui lá.

JS – É den... dentro de Caxias. Aí eu comprei uns ‘terreno’ lá, comprei ‘inté’ de ‘duns’ guarda que trabalhava aqui na... no... aqui no Instituto, aqui. Aí eu falei assim: “Não...” Eu sempre... eu preparava prá assim, prá ‘mim’ sair, né, prá um outro canto, né? Aí, cheguei lá, comprei 3 ‘lote’ dos guarda que, né, trabalhava aí. Comprei dois ‘lote’ de um, e comprei um outro lote de outro. Ainda me lembro ainda, como fosse hoje, era 1.200 ‘metro’ de terra, assim, numa esquina. Aí eu comecei... até mandei aterrar e coisa e tal, eu trabalhando aqui, né, já tinha o meu comércio. Aí, eu só sei que quando ‘tava’ tudo aterrado, tudo - era numa esquina, ‘inté’ hoje tem uma escola lá, que ‘inté’ hoje eu fico doente por causa disso - aí ‘tava’ já eu me preparando prá construir a loja lá, e construir casa prá morar, aí chegou um rapaz lá e disse assim: “Ó, o doutor...” Eu ‘tava com o nome dele na boca, que era o prefeito lá de Caxias. É dr. Moacir. “Dr. Moacir mandou... mandou um recado prá o senhor ir lá, na... lá no ‘coisa’ lá, no... no...”

GG - ... prefeitura?

JS – “... no consultório dele, lá no... na prefeitura.” Aí eu falei assim: “Ué, o que é que ele quer?” Eu já tinha tirado a escritura - ‘inté’ outro tempo mesmo eu tinha a escritura aí, que eu joguei fora - tinha tirado a escritura dos 3 ‘lote’, tudo. Aí, cheguei lá e disse: “Olha, esses lote eu tinha comprado ele a 2 ‘conto’ cada um.” Naquele tempo era conto de réis, né? “Então, cheguei a comprar esses ‘lote’, cada um dois conto. Foi 6 ‘conto’ de réis que eu comprei esses 3 lote.” Ele disse: “Olha, seu João...” Ainda me lembro ainda, ele era mais velho que eu, mas me tratou assim. “Olha, seu João, eu mandei lhe chamar. O senhor não comprou o jornal, nem recebeu nada na sua casa não?” “Não.” “É, porque a gente desapropriou os seus ‘terreno’.” Eu digo: “Mas doutor, o senhor desapropriou os meus terreno? Eu moro numa favela e eu tinha vontade de sair de lá. E eu já ia construir.” Ele disse: “Não, foi o lugar melhor que eu achei de fazer escola.” Aí, eu: “Então, como é que o senhor vai fazer?” “Já foi desapropriado. Você vai receber 15.800.” Mas aí ele falou assim, disse: “Olha, esse dinheiro você dá prá comprar uns 6 lote daquele.” Eu digo: “E por que o senhor não vai fazer em outro canto, que aquele dali é prá ‘mim’ morar?” Aí ele: “Não, não, é porque ali é o... já tem mais gente e a prefeitura escolheu aquele lugar.” Já ‘tava’ tudo aterrado, tudo bonitinho, murado, né, aí ele: “Tá bom.” Ah, não, aí eu chamei ele prá fazer negócio porque lá era Caxias, aqui era Rio de Janeiro. Eu digo: “Doutor, ‘vamo’ fazer

um negócio então. Eu não quero dinheiro. O senhor me dá onde eu moro, me dá a escritura e tudo”, que era daqui, né? Eu sempre dava o meu jeito de... ser... para isso aqui ser meu, que isso aqui não é meu, o terreno é do governo. Aí, disse: “Ah, eu vou pensar. Um mês, mais ou menos, 30 dias, eu te falo o que é que eu posso fazer.” Aí, depois, ele veio, mandou me chamar, disse: “Não, lá é Rio de Janeiro e aqui é Caxias.” Mas eu pro... eu propus isso prá ele, né, prá ele me dar escritura disso aqui, em troca dos 3 ‘terreno’ lá. ‘Inté’ hoje tem, só de sala eles fizeram, dividiram assim a metade, fizeram 26 ‘sala’ de escola. Pode qualquer uma pessoa ir lá, que o terreno era meu. E eu também não...

TF – E din... E o dinheiro o senhor recebeu depois?

JS – Levou 5 ano prá me pagar, 5 ‘ano’! Quando ele veio me pagar, aquele dinheiro já não valia nem a metade. Mas, também, graças a Deus, eu não... não me importei não. Aí, por isso que eu... Aí, eu falei assim: “Olha...” Aí fui, comprei esse terreno em... lá em Pavuna, comprei o terreno. Eu não ia nem comprar terreno, o cunhado dela é que comprou, aí ficou doente, não pôde pagar o terreno, aí, prá não perder é que eu comprei esse terreno lá em Pavuna, mas eu não ia comprar mais terreno. Já tinha comprado lá, já tinha já... tinha desapropriado, aí eu digo: “Não, não vou mais comprar terreno fora não. Eu vou ficar no...”

TF – Então o de Pavuna foi depois de Caxias?

JS – Foi, foi...

GG – Foi no terreno que as crianças não se adaptaram? Nicolina me contou que vocês mudaram daqui, mas as crianças passaram um ano chorando que queriam voltar para cá.

JS – É, é, é, é. Mas aí, até lá, em Pavuna, eu não gosto de Pavuna não. A minha filha fez casa lá, com meu genro, lá, fez uma mansão lá, terminou esse... o mês passado lá. Que o terreno lá é grande, né, o terreno lá é... são 30 metro de... de comprido e por 10 ‘metro’ assim, de frente. Dá duas ‘coluna’ de apartamento lá.

GG – Sr. João...

TF – Gleide.

GG - ... o senhor falou que gosta bastante deste lugar...

JS – Ah, é.

GG - ... mas... e que para o senhor, não tem queixa, seus filhos foram bem criados aqui.

JS – Foi, foi, meus ‘filho’ foi, graças a Deus...

GG – Mas como é que o senhor vê a situação de violência nesse lugar, e, principalmente, a gente sabe que foi, ou aqui, em frente à sua pensão, ou do lado, que o Carelli foi visto com vida pela última vez? Como é que isso bateu para vocês?

JS – Olha, uma coisa eu vou dizer prá você, eu, nesse tempo, o meu filho que estava tomando conta aí, que eu conheci ele, né? E porque, se eu ‘tô’ aí, se eu tá... se eu ‘tivesse aí em baixo, e eu tivesse visto isso aí, eles levar ele, eles não tinha levado não. A polícia não tinha levado. Porque, eu, graças a Deus, eu morei aqui, sempre tive respeito. Quantos policiais ‘veio’, pegava o camarada, quando não era trabalhador eu ficava na minha, né, porque eu não sabia do coisa, mas quando eu sabia que era, (Inaudível), mas quando eu sabia que era trabalhador, a polícia pegava lá em baixo e vinha... deixava o carro aqui e trazia, eu falava assim: “Ó, amigo, amigão, não... Isso aí é trabalhador, isso aí é meu freguês”, porque eu sabia que era, então, na mesma hora... “Você é responsável por ele?” “Sou, isso é trabalhador, não é nada de coisa.” Aí soltava. Quanta gente eu não soltei aí! E se eu estivesse aí, eu mesmo falei prá ela, digo: “Se eu ‘tô’ aí eles não levava não.” Porque eu conhecia ele, ele, num tempo, ele vinha beber, tomar uma cervejinha aí, não era mal pessoa, e a polícia chegar assim e pegar e levar! Eu logo... eu ia (Inaudível): “Não, isso aí é trabalhador. Tá telefonando prá namorada, prá o parente dele e tudo”, e ele não ia levar. Mas o meu filho não tinha muito conhecimento, acho que ele nem viu... com isso acontecendo o negócio aí. Mas se eu “tou” lá em baixo, eu não... duvido que a polícia ia levar.

TF – E como é que o senhor está vendo, a Gleide estava perguntando, como é que o senhor está vendo essa questão da violência no Rio, e, particularmente, nas favelas, e com certeza aqui, no seu entorno?

JS – Mas, olha, isso aí, no meu ver... o culpado disso aí foi o governo porque, olha, eu não sei se eles vão me prender (*risos*).

TF – Não, não vai não.

JS – Olha, eu vou te falar um negócio, eu já morava aqui e a gente andava por tudo quanto era canto, em favela e tal, não tinha nada de negócio de... Sempre tinha aqueles ‘bobinho’, essas coisa e tal, mas a gente nunca ligou. Mas, ‘adepois’ que saiu aquela favela dali do... do... do... Como é que chama aquele morro ali, do... perto do... campo de bola, ali, como é que chama? É o... que aquela favela ali da... lá na... Como é que é? Ali no...

NL – Cajú?

JS - ... a terra do Muçum (*risos*)?

GG – Mangueira.

NL – Mangueira.

JS – Mangueira. Então, a primeira favela que foi ‘saído’ daqui para fora, que eu nem sei se ainda já fizeram, aquilo ainda nem tem... o terreno ainda está vazio, que saiu a favela dali... (*interrupção na fita*)

Fita 2 – Lado A

TF – Entrevista com o Sr. João Felipe da Silva e dona Nicolina Laia, dia 26 de abril, fita número 2. Vamos lá, Sr. João, continuando.

JS – Ah, negócio de lá, do... do... Mangueira?

TF – Isso, estamos falando da... da... da Mangueira, que o senhor citou a Mangueira.

JS – É, da Mangueira. Então, ‘inté’ naquela época as fa... que tinha... tinha muita... (*telefone tocando*) que tinha muita favela... (*pausa*)

TF – Vamos lá, mais um pouquinho de história.

JS – Aí, naquela época tinha muita favela, tinha lá, tinha por aqui, tinha muitas favela, mas é que esse pessoal ‘tava’ tudo acomodado nos seus ‘canto’, ninguém nem sabia quem é ruim, nem quem não ‘coisa’, os ‘pessoal’ ... as favela tudo é quieta, não tinha bagunça. Mas, ‘adepoi’, isso eu falo, ‘adepoi’ que o governo tirou, eu não sei que quem era o governo naquela época, o presidente, que mandou tirar aquela favela dali, do Morro do Mangueira, aí foi para a Cidade de Deus. Que... que... foi a 1ª favela que foi tirada. Naquela época ele falava: “Não, vamos tirar as favelas tudo, que não sei o quê.” Era o que eles ‘falava’, né? Primeiro, foi aquela favela, não sei nem se fizeram... se ainda está vazio, lá, o terreno, que era uma subida assim... aí tirou aquela...

TF – Aí, em Mangueira, que o senhor está dizendo?

JS – É, isso. Aí tiraram aquela favela, foi para lá, foi lá pra Cidade de Deus. Minha senhora, depois disso, aí o troço piorou. E eles foram tirando favela porque a gente sabe que foi... eles foram tirando, né? E aí, daquela época para cá, gente que trabalhava aqui foi para lá. Não tinha... não... não vinha, não tinha possibilidade de trabalhar... morar lá e trabalhando aqui. Quer dizer que, daquela época, aí começou os pessoal a se misturar, a senhora sabe como é que é, a pessoa, às vez, é uma pessoa boa, mas se mistura com um camarada que não coisa, ali já vão fazer bagulho que não... que não... que não serve.

GG – O senhor quer dizer, então, que a.... a.... as remoções, é... tirando as pessoas de um lugar para outro, é que fizeram com que a questão da violência crescesse?

JS – Aumentou, aumentou demais!

GG – E aqui, aqui, quando... qual foi o melhor momento, qual o melhor momento: quando tinha todas essas casas na beira dos rios, quando essa favela estava grande, ou agora, que tem as pistas e quase não tem barracos, não tem mais barracos?

JS – Não, mas, olha, o que eu vou dizer para você é o seguinte: para mim foi a mesma coisa, só que diminuiu mais os ‘povo’, porque a consideração que as ‘pessoa’ tinha... vamos dizer, essa favela aqui, as pessoa me ‘conhecia’, me ‘conhecia’ os meus ‘filho’, e a gente conhecia todo mundo, quem mora na favela a gente conhece. Eu não... é... é... Eu conhecia gente, tudo freguês, muito freguês meu, que eu nem sabia onde morava, nem procurava saber onde... qual era a casa dele, entendeu? E... então, os ‘pessoal’ têm aquele respeito. Aliás, não é toda favela que é assim, que tem favela que ninguém é de ninguém, ninguém respeita os ‘outro’, é... é... tem muitos ‘lugar’ assim, né? Mas, aqui, onde eu moro, que eu... pode dizer que ali eu morei pouco tempo, e a favela... eu vim morar aqui esses ‘ano’ todo, mas não tenho o que dizer daqui, dos ‘pessoal’ que foram embora e que... que... saiu daqui, que saiu... Saiu mais da metade dessa favela aqui, saiu mais da metade, né? E, às ‘vez’, eu vou lá na favela onde a gente... lá em Salsa e Merengue, quando eu chego lá, tô passando lá, eu... tem um bocado de careca: “Ô, careca, vem cá!” Outro: “Vem cá!” Outro: “Vem cá!” Quer dizer, é um prazer, que eu... que eu não gosto muito de andar. Eu moro na favela, mas não gosto muito de entrar em favela não, não gosto ‘memo’, aí em Manguinhos, muitas favelas eu não gosto, só se for...

TF – Por que é que o senhor não gosta de andar?

JS – Eu não gosto porque eu tenho medo (*risos*). Às ‘vez’ a pessoa não me conhece, né, aí eu tenho medo de entrar assim... De noite, Deus me livre, eu não entro em favela de noite, se não ‘ser’ a minha, aqui, eu não... só se for um caso de ‘precisão’, aí eu vou, mas, senão, eu não saio da minha casa para ir em festa de favela, aliás, nem em lugar nenhum. Eu não gosto de... Esses ‘ano’ todo criei meus ‘filho’, tal, mas não sou de farra, não sou... A única coisa que eu gosto muito é da minha... de uma praia, pescar, essas ‘coisa’, quando não tem o que fazer. Quando eu tenho o que fazer eu não saio, eu vou fazer as minhas ‘coisa’ que é preciso, entendeu?

TF – Mas o senhor acha... a Gleide tinha falado que... ‘tava’... estava perguntando para o senhor se as remoções ajudaram... essa violência que nós estamos presenciando hoje.

JS – Não... É, isso é que eu vou falar pra vocês, é isso, o que mudou a violência foi isso, e outra que eu vou falar para a senhora, que quando eu vim aqui para o Rio, qual era os ‘trabalhador’? Garoto de 15 anos, porque eu não sei onde é que o governo tá, o presidente ‘tava’, que não vê isso, garoto de 15 anos tirava a carteira e ia trabalhar. Ganhava a metade do salário mínimo um garoto de 15 anos, e estudava de noite, e trabalhava. Ganhava a metade do salário. Quando ‘tava’ 18 anos se alistava e ia para o quartel. Se ele... se ele fosse servir, ele servia um ano, dois ‘ano’ ou o quê, quando ele saísse do quartel já tinha o emprego dele certo, mesmo que o... onde ele trabalhava, se ele não gostava do empregado ou o quê, mas tinha que aceitar ele de volta. Mas, hoje em dia, você vê, essa garotada não tem emprego. O garoto de 15 anos, o pai não pode dar nada e o garoto fica aí, faz o quê? Junta com os ‘outro’, já com namoradinha e tudo, esses ‘garoto’ vão fazer o quê? A maioria, eles vão roubar porque eles não têm... Eu não vou dizer que eles ‘tão’ certo, mas pelo uma parte... o pai não pode dar, ele precisa de comprar um sapato, precisa de comprar um blusão, precisa de ir a um cinema com a namorada, e aí ele vai ver dinheiro onde? Isso aí é um troço errado. Criançada, 15 anos, tirava a carteira, arranjava trabalho. Se não puder pagar...

se não puder pagar o salário todo, paga a metade do salário, entendeu? Quando... quando tiver com 18 anos... ele trabalha 15 anos, 3 anos ele trabalha na firma, conforme eu vi muitos, eu trabalhava... iam trabalhar tudo em firma, a maioria é mais garoto, trabalhava aqueles 3 anos: “Vamos ‘se’ alistar.” O quartel mandava ele se alistar, era obrigado a se alistar, se alistava. Que ficasse ‘ficou’, ficava o ano no quartel, voltava, o emprego estava certo para ele ali. Quer dizer, hoje em dia não tem nada disso, garotada que a gente vê aí à toa, sem fazer nada, uns catando ferro-velho, outros... Isso é uma vergonha. Vou fazer igual a esse, o... aquele menino do repórter: “Isso é uma vergonha.” Gente, bota para trabalhar porque os meus filhos mesmo eu tenho que botar para trabalhar. Eu não vou deixar meu filho sem trabalhar não, tem que trabalhar, 15 anos começou a trabalhar. Agora, e outros que não têm nada, não... ganha, às ‘vez’, salário-mínimo e não... e não... e não pode dar um sapato a um filho, uma camisa, não pode dar nada, não tem emprego para ele? A senhora acha que está certo isso? Não está certo não. Tem que botar todo mundo para trabalhar. É igual a essa... Agora já vão mexer em São Paulo (*risos*), essa... essa governadora lá. Quantas enchente já não deu, muita gente perdendo as ‘coisa’, e aquilo dali tem... aquilo dali tem jeito. Eu vou dizer para a senhora, eu sou um camarada analfabeto, mas eu vejo. Eu fui em São Paulo um tempo, fui passear lá e vi aquelas ‘obra’, aqueles ‘esgoto’, aquelas ‘manilha’ de barro assim, feito aqueles esgoto, aquelas ‘coisa’, isso ‘inté’ hoje deve estar lá. Aquilo dali, em São Paulo, eles acabavam aquilo dali, com tanta gente desempregado, fazia galeria, fazia galeria e botava... e aqueles ‘esgoto’ velho, acabava com aquilo tudo, faria o encanamento tudo. Mas aquele dali, ó, São Paulo vai afundar aquele dali. Todos os ‘presidente’... Será que não tem engenheiro que sabe disso? Naqueles ‘lugar baixo’, onde enche mais, conforme aqui... aqui, aí, em Bonsucesso, tinha ali, o meu irmão mora lá ‘inté’ hoje, a rua dava 4 ‘metro’ de altura. A manilha, o esgoto era... era... as ‘manilha’ eram assim, fizeram... não fizeram nem galeria, botaram umas ‘manilha’ assim, grossona assim ‘uai’, e nunca mais deu enchente, já tem uns 3 ‘ano’ que fizeram, nunca mais deu enchente. Mas, lá, só bastava chover, já estava enchendo d’água, três ‘metro’, quatro, d’água. Eu fui lá comprar uma casa, uma vez, nem comprei porque já ‘tava’ lá vendo a casa, a mulher... era 2º andar, ela disse assim: “Olha, a água deu em cima, no... no... no 2º andar.” Eu digo: “Deus me livre!” Três ‘metro’ d’água de altura. São Paulo, eles ‘sofre’ por causa disso. Agora é que o presidente: “Vamos fazer isso.” Que tem muita gente desempregada lá que eu sei, gente chorando, gente se jogando do prédio abaixo porque não tem emprego, gente com 30 ‘ano’ passa 4 ‘ano’ sem ver emprego. Pô, lá... aquele dali faria galeria, dava emprego para pedreiro, servente, amador, tudo, e aquilo ali acabava, mas, se eles não ‘fizer’ isso, a senhora pode acreditar que São Paulo nunca vai melhorar. Dá enchente, aquilo... A senhora vê lá, na rua, tudo limpinho, quando dá uma chuva os ‘esgoto’ tudo entupido. A água vai pra onde? Ela vai subindo ó. Ali tinha que fazer galeria. Eu sou um cara que eu não entendo, eu entendo um pouco de obra, mas aquele dali tinha que fazer. E os ‘engenheiro’, e o governo, será que eles estão ‘cego’ que não ‘tá’ vendo aquilo, se é um troço que tem jeito de eles ‘ajeitar’? Onde é a enchente? Vamo fazer uma galeria no meio da rua. Aqueles esgoto, aqueles coisa, ‘vamo’ tudo suspender, coisa. Mas a gente não faz nada disso, e aí o pessoal, ó! Quem é que compra um móvel, a portinha lá, assim, com a enchente, a primeira enchente, já acabou. Durante o ano dá... dá... 3, 4 enchentes. Já pensou onde é que vai arrumar dinheiro para comprar móvel? A senhora vê, negócio de guarda-roupa, poltrona, cama: molhou, ‘cabou’. Fica 2 ‘hora’ ou 3 ‘hora’ dentro d’água: acabou tudo, ali a pessoa tem que comprar outro, tendo solução. Aí a prefeita lá: “Não, vai

melhorar daqui a 20 anos.” Só se entrar um camarada e disser assim, olha: “Vamos fazer isso que tem muita gente...” Agora, se não tiver gente para trabalhar, aí tudo bem, né, conforme antigamente, o emprego era... era... tinha pouca gente. Quando eu vim para aqui não tinha... nem... nem 5% de gente que tem agora, era pouca gente, e emprego, daqui lá para a cidade, você via: “Precisa de carpinteiro, pedreiro, marceneiro, “bá, bá, bá”, e coisa e tal.” Hoje em dia, tem nas obras, passa: “Faz o favor de não procurar emprego.” É, rapaz, eu vejo gente chorando, o pai de família com 3, 4 ‘filho’, sem emprego. Aí eu falo para a minha velha, digo: “Mas minha velha, eu vou dizer, eu vim pra aqui, era analfabeto, não tinha leitura, que lá meu pai só botava a gente para trabalhar na enxada. E se a gente não bota esse comércio, e se eu não arranjo esse emprego, como é que a gente ‘tava’ vivendo agora?” Porque emprego não... (*risos*) Só se a gente fosse pedir esmola (*risos*), porque a gente, analfabeto, ia fazer o quê? O cara para arranjar um emprego, hoje em dia, tem que ter curso, tem que fazer não sei o quê, tem que ter muita leitura, né, trabalhar com computador, e ainda é difícil. E a gente que é analfabeto, como é que a gente ia arrumar? Que dizer eu corri atrás logo para (Inaudível) (*risos*). E é isso, não tem mais nada.

TF – Tá. Eu acho que a gente vai encerrar porque já estamos ocupando muito seu espa..., seu tempo. (*risos*)

JS – Não... não..., a senhora pode ficar o tempo todo aí (*risos*).

TF – Muito... muito obrigada. Se o senhor, depois, quiser falar um pouco mais, a gente se comunica e volta a fazer outra entrevista.

JS – É, agora ainda tem muitas ‘coisa’, mas aí já faz parte do nosso governo, que é conforme eu ‘tô’ falando prá senhora, que tinha que ter trabalho pra essa gente. Eu fico... eu fico com pena quando eu vejo pai de família com 3, 4 ‘filho’, como... conforme passa na televisão, abre a geladeira não tem... só água no coisa, o cara trabalhador com um bocado de filho. Isso é uma vergonha! Tem que ter o trabalho da pessoa. Quando ele é velho, antigamente, falava assim: “Não, o cara aposentado é... é... tem direito de arranjar emprego.” Se hoje em dia eles não querem nem o cara que não é aposentado, o que dirá a gente velho! Eu não, que eu, graças a Deus, eu trabalhei muito, eu não bebo, eu não jogo, eu não gosto de farra, não gosto... Eu vou dizer prá senhora, esse pe... eles falam assim: “Ah, é tóxico, não sei o quê, e “bá bá bá”, que tal... ” Eu digo, olha, eu vim do Norte, eu tinha 18 anos, moro na favela, pode me perguntar que é esse tal de maconha e esse pó, eu não sei o que é isso. Eu nunca botei na minha mão e, graças a Deus, criei meus ‘filho’, meus ‘filho’ também não usa isso, foi criado aqui dentro, aqui, entendeu? E eu nunca falei pro meu filho: “Meu filho, você não usa isso não, que isso não presta.” Eu nunca... Se estivessem aí eles ‘estava’ aí pra falar, eu nunca falei para meus ‘filho’ não usar isso. Agora, diz assim o camarada: “Não usa isso porque...” Não senhora, e aí... ó... a pessoa... Ó, quando a pessoa não presta pode nascer no céu, ele lá faz bobeira (*risos*). É ou não é?

TF – Deve ser.

JS – É sim, eu não gosto não por (Inaudível)... 50 anos que eu moro na favela, eu não sei o que é isso, o que é esse negócio de droga, de fumar! Eu fumava cigarro assim, que eu

trabalhava no balcão, depois começou a fazer mal. Eu acendia um cigarro aí eu ficava tonto, aí eu... até que eu deixei de uma vez, já tem uns 15 ‘ano’. Agora, de chegar, assim, e fumar esse bagulho, esse troço... Eu falo assim, bagulho (*risos*). Eu não sei, Deus me livre, e nem eu quero saber, não. Agora, eu só digo uma coisa, quando a pessoa tem que ser bom, pode morar no ‘coisa’, a pessoa é. Não é que os ‘outro’ chega lá e diz assim: “Ah, o camarada vai obrigar o outro a usar aquilo.” Não, se o cara... né? Às ‘vez’, esse pessoal que trabalha nessas ‘coisa’, ele não vai chegar e dizer assim: “Não, tu tem que usar isso senão eu te mato.” Ele não faz isso não, o cara é que vai por ele ‘memo’, o cara vai, né, e usa aquilo. Eu sei que eu tive comércio aí, olha, no tempo que eu tive comércio aí, é muito anos isso, chegou três ‘camarada’, eu nem conheço o cara, três ‘cara forte’. Aí ele sentou assim, eu estava do lado de dentro do balcão: “O senhor quer me arranjar um prato aí?” Eu falei assim: “Olha, pra que o senhor quer prato?” “Não, prá mim fazer um negócio aqui.” Aí, eu... já tem, mais ou ‘meno’, isso, uns 20 ‘ano’ isso, aí eu dei o prato. “Me dá uma colher.” Ele enfiou a mão no bolso, eu falei: “Ih, isso aí é o quê, seu?” “Ah, não, isso é coisa, um negócio que a gente usa.” Eu digo: “Não.” Eu já sabia o que era, mas eu nunca peguei, mas eu sabia que aquilo ali era aquele troço. Eu digo: “Não, chefe, isso aqui... eu não aceito isso aqui não. Isso aqui é meu comércio, eu tenho minha família...” Eu pinte para ele, eu digo: “Isso aqui é meu comércio, eu não... não aceito isso aqui não.” “Ah, não, mas nós ‘somo’ polícia.” Eu digo: “Olha, o senhor pode ser o que for, mas eu, aqui, eu não quero.” Aí peguei o prato e puxei, aí o cara falou assim: “É, o senhor é abusado, hein?” Eu digo: “Não, não é abusado, é que eu não quero que ninguém use isso aqui.” “Mas nós ‘somo’ polícia!” Eu digo: “Olha, o senhor pode ser polícia, mas eu não quero. O senhor é polícia e a casa é minha!” Pegaram e foram embora e não voltaram mais. Isso já tem uns 20 ‘ano’ isso. Eu não deixava ‘nêgo’ usar tóxico no meu comércio, não, nunca deixei ‘nêgo’ nunca fumar assim. Se usava no... Ali, eu passava assim na favela, assim, ‘nêgo’ ‘tava’ fumando aquele troço que eu sabia que era aquele cigarro de coisa, que um cigarro é diferente do outro, e ‘nêgo’ pegava e escondia o cigarro para ‘mim’ não ver. Eu nunca me meti com essas coisa, graças a Deus, sempre tinha aquele respeito, assim, como que eu fosse autoridade, eu não. É que eu, Deus me livre, eu nunca usei aquilo, e também não... não... não vou dizer que quem usa não presta, que é isso e aquilo, não, cada qual viva a vida conforme quer e conforme gosta. A senhora não acha que é isso?

TF – Claro.

JS – Eu morei esses ‘ano todo’, não tenho um inimigo aqui nessa favela, e nem em lugar nenhum, nem dizer assim: “João não presta.” Só se fala sem eu saber, mas que coisa... Para onde eu vou é: “Ó, careca.” Outro: “Ó, João.” O outro, tal, e é assim. Nessa favela é... lá no coisa, às vez, eu vou lá, um me grita, outro chama, mulher, criança... Às vez, as criança que morava...

TF – O senhor é famoso? O senhor é famoso?

JS – Sou, graças a Deus.

TF – Sr. João, a gente vai ter que interromper porque a...

JS – Tá bom, tá bom.

TF - ... tem que pegar a menina na escola, a Gleide.

JS – Tá bom, tá bom, quando a senhora quiser...

TF – Outro dia a gente volta para continuar conversando.

JS – Quando a senhora quiser aparecer aí...

TF – Muito obrigada pela sua atenção.

JS – E ‘vamo’ falar pra o nosso governo pra ele arranjar emprego pra o povo.

TF – Com certeza (*risos*).

*A Fita 2 não foi gravada integralmente (aproximadamente 15 minutos do Lado A).